

O sentido artístico no discurso e a evocação de encadeamentos argumentativos

The artistic sense in discourse and the evocation of argumentative chains

Lauro Gomes¹

Universidade Federal do Rio Grande

Vitor Turba²

Universidade Federal do Rio Grande

♦ **RESUMO:** Este artigo objetiva examinar a inscrição da arte na linguagem com base em princípios da Teoria da Argumentação na Língua e no arcabouço teórico-metodológico da Teoria dos Blocos Semânticos. Para tanto, procura-se explicar como encadeamentos e aspectos argumentativos doxais, paradoxais e contextuais organizam a construção semântico-argumentativa de discursos artísticos. Pela análise de um poema e de uma crônica, mostra-se que a expressão artística tende a sugerir leituras mais profundas da realidade, visto que subverte padrões sistêmicos: atenua o estranhamento causado por um paradoxo e sugere que os sentidos contextual e paradoxal integrem o uso ordinário.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** Encadeamento argumentativo. Discurso. Arte. Bloco semântico. Paradoxo.

♦ **ABSTRACT:** This article aims to examine the inscription of art in language based on the principles of Theory of Argumentation within Language and the theoretical-methodological framework of Semantic Blocks Theory. To do so, it seeks to explain how doxical, paradoxical and contextual argumentative aspects and chains organize the semantic-argumentative construction of artistic discourses. Through the analysis of a poem and a chronicle, it is shown that artistic expression tends to suggest deeper readings of reality, as it subverts systemic patterns: it attenuates the strangeness caused by a paradox and suggests that contextual and paradoxical meanings integrate ordinary usage.

♦ **KEYWORDS:** Argumentative chains. Discourse. Art. Semantic Block. Paradox.

¹Doutor em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor Adjunto do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande. Atualmente também é Coordenador Adjunto do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa (FURG – Campus São Lourenço do Sul). E-mail: gomeslauro89@gmail.com

²Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG – Campus São Lourenço do Sul). Atualmente, é bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), a qual viabilizou a pesquisa divulgada neste artigo. E-mail: turbabitor@gmail.com

Introdução

Este artigo a respeito do artístico em utilizações poética e ordinária da língua fundamenta-se na perspectiva de linguagem adotada pela Teoria da Argumentação na Língua (ANSCOMBRE; DUCROT, 1983), principalmente nos postulados teórico-metodológicos da Teoria dos Blocos Semânticos (CAREL; DUCROT, 2005; CAREL, 2013). Importante esclarecer que todas as teorias que pertencem à Semântica Argumentativa, a saber: a Teoria da Argumentação na Língua, a Teoria Polifônica da Enunciação, a Teoria dos Topoi, a Teoria dos Blocos Semânticos, dentre outras, distinguem argumentação linguística de argumentação retórica. Todas elas investigam a “argumentação linguística” – no sentido elucidado por Ducrot (2009) – e, portanto, a persuasão, por exemplo, não é objeto dessas teorias, visto que seu interesse é pelos entrelaçamentos argumentativos efetuados pelo locutor no interior do “dizer” e do “dito”.

Tendo em vista os quadrados argumentativos doxal e paradoxal, os quais representam aspectos de um mesmo bloco semântico (CAREL; DUCROT, 2005; CAREL, 2013), e o continuum semântico-argumentativo da linguagem proposto por Gomes (2020), será feita uma análise semântico-argumentativa do poema “Comportamento”, de Manoel de Barros. Em seguida, analisar-se-á o artístico na linguagem ordinária a partir da crônica “Bendita maldita”, de Martha Medeiros. Enxergar o uso ordinário da língua através do paradoxal é algo que parece caracterizar muito do que Manoel de Barros faz em sua poesia, desde os primórdios de seus escritos, e é também o que o texto da cronista Martha Medeiros sugere, ao sustentar a tese de que a perspectiva “paradoxal” é a forma mais adequada de ver o mundo, até mesmo fora da poesia.

Como a Teoria dos Blocos Semânticos (daqui em diante, TBS) desenvolve uma perspectiva autorreferencial de semântica, tendo suas bases originárias em Ferdinand de Saussure, a visão lançada sobre o mundo se dá, sempre, à luz do sistema de relações intralinguísticas e discursivas. Isso significa dizer que a língua cria a realidade e é justamente esse poder criador da “língua/langue”, sistema de signos em relação (cf. já postulara o mestre genebrino), que permite compreensões doxais e/ou paradoxais da realidade observada pelo sujeito falante e, depois, pelo locutor que o representa no universo linguageiro. O poético da linguagem diz muito sobre o mundo e, para enxergá-lo além das realidades criadas pelo uso ordinário, é preciso compreender todas as perspectivas para além do normativo e, inclusive, para além da forma doxal que já prevê o transgressivo. O universo discursivo não se encaixa apenas no que está previsto no quadrado doxal e é percebendo isso que este artigo examina o artístico nos empregos ordinários da linguagem por pura necessidade de compreensão da complexa rede de relações semântico-argumentativas permitidas pelas línguas naturais.

Em vista disso, espera-se que o artístico da “linguagem ordinária” seja entendido como necessidade de compreensão da natureza semântico-argumentativa da língua, a qual traduz um entendimento mais efetivo e amplo do mundo da linguagem e do próprio mundo físico. O poema analisado neste artigo serve para mostrar que a poesia delimita a realidade da forma mais genuína que existe. Desentender, segundo a perspectiva do poeta, é compreender com profundidade. O mundo extralinguístico também pode ser visto pelo espectro do paradoxo linguístico. À luz da TBS, pode-se entender a necessidade de se analisar os encadeamentos e aspectos argumentativos paradoxais da linguagem ordinária, cujo percurso metodológico sobre o *objeto* parece ser um ponto de partida do poeta, produtor da mais alta arte com palavras.

Apresentação da Teoria dos Blocos Semânticos

Contrária a uma noção de língua como nomenclatura, a TBS não adota uma posição de significação e de sentido que decalca a realidade psicológica e cognitiva envolvida na enunciação e no enunciado. Isso porque – fiel aos princípios saussurianos do *arbitrário linguístico*, da *relação (associativa e sintagmática)* e do *valor linguístico* – a TBS sustenta a tese de que a significação do léxico não contém nada de informativo. A função semântica das palavras, por conseguinte, para essa perspectiva, é não apenas restringir as palavras do interlocutor, mas também a estrutura do discurso em que estão inseridas. Tais postulados do modelo teórico inaugurado por Marion Carel (TBS, 1992) estão de acordo com o princípio fundador da Teoria da Argumentação na Língua (ANSCOMBRE; DUCROT, 1983), para o qual a argumentação está inscrita na própria língua. No entanto, embora a ANL sirva de herança para a TBS, essas duas teorias inscritas no programa da “Semântica Argumentativa” diferem em certos pontos.

A TBS (CAREL; DUCROT, 2005) descreve e explica o *sentido* de *entidades discursivas* (palavras em uso, enunciados e discursos) e a *significação* de *entidades linguísticas* (palavras fora de uso, frases e textos) por intermédio, respectivamente, da evocação de encadeamentos argumentativos e da associação de aspectos ou esquemas argumentativos, todos os quais podem ser normativos ou transgressivos.

Conforme explica Gomes (2020), o encadeamento argumentativo é a unidade básica de sentido ou, nos próprios termos de Ducrot (2016), o “átomo semântico”, uma vez que, fora da relação estabelecida entre dois metapredicados, palavras e frases contêm apenas uma significação, isto é, um conjunto de instruções dadas àqueles que buscam interpretar o sentido dos enunciados e dos discursos. Isso quer dizer que o mundo físico é tomado argumentativamente pelo locutor, que, a cada encadeamento efetuado via enunciação no discurso, também trata de “impor aos outros uma espécie de apreensão argumentativa da realidade”. (DUCROT, 1990, p. 14).

Poder-se-ia dizer que a linguagem ordinária tende a manifestar-se segundo as relações previstas no bloco semântico doxal da TBS, a partir da materialização de enunciados cujo sentido pode ser descrito por encadeamentos transgressivos e, principalmente, normativos. Os encadeamentos normativos são os mais recorrentes e têm duas formas: (1) *Pedro é rico, portanto é feliz* e (2) *Pedro não é rico, portanto não é feliz*. Note-se que “portanto”, aqui, está representando uma série de conjunções de mesma natureza semântico-argumentativa nas línguas naturais (em geral, conclusivas, explicativas, causais, finais, consecutivas, proporcionais e condicionais). Em nível de aspecto, esse tipo de entrelaçamento argumentativo é representado por *donc* do francês, na abreviatura “DC”. Os encadeamentos transgressivos também têm duas formas: (3) *Pedro é rico, no entanto não é feliz* e (4) *Pedro não é rico, no entanto é feliz*. Note-se que “no entanto”, aqui, representa conjunções de mesma natureza semântico-argumentativa (em geral, adversativas e concessivas). Em nível de aspecto, esse tipo de conexão argumentativa é representado por *pourtant* do francês, na abreviatura “PT”. Em geral, o encadeamento normativo é responsável pela manifestação da linguagem ordinária, principalmente para expressão dos sentidos estereotipados. Neste artigo, vai-se convidar a entender a realidade a partir do quadrado paradoxal e a perceber que a poesia – sendo uma espécie de luta contra o normativo e o doxal – muitas vezes está em conformidade com o uso ordinário, que também pode ser artístico.

Como bem explicara Barthes (2015[1978]), a linguagem é a expressão obrigatória da língua. Esta última – compreendida pelo referido semiólogo como o *mecanismo primordial do poder* – é “fascista” (p. 14), uma vez que obriga o locutor a exprimir-se de acordo com as regras do sistema. Em português, por exemplo, se é

obrigado a usar o feminino ou o masculino, enquanto, em inglês, há um neutro para a expressão das mesmas porções da realidade marcada por um dos dois gêneros em português. Isso quer dizer que, em termos semântico-argumentativos, a língua impõe a continuação do discurso, normativa ou transgressivamente, seja de forma doxal, paradoxal, seja contextual. Embora encontre na literatura seu principal lugar de subversão do “poder”, a língua nunca deixa de ser argumentativa. Anscombe e Ducrot (1983) já foram muito claros com a tese de que “a argumentação está na língua”. Todo e qualquer discurso – literário ou não literário – é, desde a sua constituição, argumentativo.

O quadrado paradoxal é formado tanto por aspectos normativos quanto transgressivos. Os normativos permitem a concretização de enunciados cujo sentido pode ser descrito por encadeamentos do tipo de (1) *Pedro é rico, portanto não é feliz* e de (2) *Pedro não é rico, portanto é feliz*. Já os transgressivos permitem a materialização de enunciados cujo sentido pode ser descrito por encadeamentos do tipo de (3) *Pedro é rico, no entanto é feliz* e de (4) *Pedro não é rico, no entanto não é feliz*.

É preciso estar atento para o fato de que, no quadrado doxal, o aspecto transgressivo ainda está atrelado à previsibilidade do sistema semântico-argumentativo da língua, visto que mantém relações de conversão e de transposição com os aspectos normativos do mesmo bloco semântico. Um aspecto transgressivo doxal, como GAY PT NEG AFEMINADO (*Fulano é gay, no entanto não é afeminado*), é apenas uma exceção, não uma negação do aspecto GAY DC AFEMINADO (*Fulano é gay, portanto é afeminado*). No quadrado paradoxal, um dos aspectos normativos seria GAY DC NEG AFEMINADO (*Fulano é gay, portanto não é afeminado*). Na construção desse paradoxo linguístico, parece haver uma espécie de coordenação do tipo “Fulano é isso e aquilo”, em que “isso” e “aquilo”, neste caso, estão numa relação de oposição. A coordenação do doxal poderia ser do tipo de “Fulano é isso, mas também aquilo”. Este é um problema a ser ainda estudado a partir do exame de *corpora*.

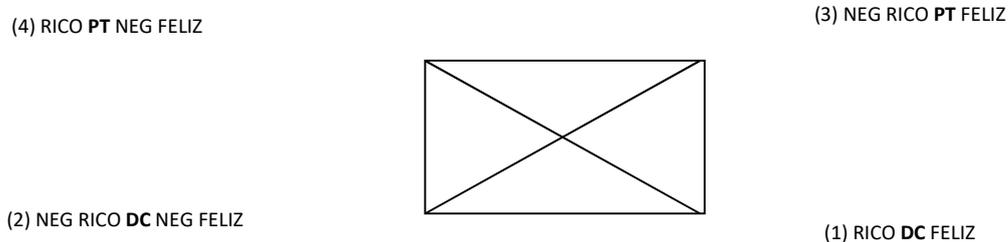
Formalizações iniciais da Teoria dos Blocos Semânticos

O leitor iniciante em Semântica Argumentativa pode estar a se perguntar: efetivamente, o que é um “bloco semântico”? Ora, essa é uma questão fundamental para o entendimento da TBS em todas as suas etapas de postulação. Para respondê-la, pode-se recorrer à excelente sistematização do *Dicionário de Linguística da Enunciação* (FLORES et al, 2009, p. 57), segundo a qual um bloco semântico pode ser definido como uma “entidade semântica, unitária e indecomponível, subjacente a encadeamentos argumentativos”. Isso quer dizer que tanto um encadeamento doxal do tipo de (1) *Pedro é rico, portanto é feliz* quanto um encadeamento paradoxal do tipo de (2) *Pedro é rico, portanto não é feliz* estabelecem uma interdependência semântica entre *riqueza* e *felicidade*. A diferença principal entre o sentido de (1) e de (2) está no fato de que, no primeiro caso, a significação de *riqueza* tornar-se um sentido completo somente na relação com a significação de *felicidade* e, no segundo, com a de *infelicidade*.

A TBS-standard sustentava a existência de dois blocos semânticos na relação de dois metapredicados: de um bloco semântico doxal (BS1) – a exemplo de Pedro-é-feliz-porque-é-rico – e de um bloco semântico paradoxal (BS2) – a exemplo de Pedro-é-infeliz-porque-é-rico. Também postulava que o BS2 era contrário ao BS1. A TBS-atual, entretanto, não mais sustenta essa tese. De acordo com Carel (2013), o paradoxo é um “prolongamento da doxa”. Logo, o BS paradoxal agora é visto como uma continuação do BS doxal. Doxa e paradoxo estão, portanto, no mesmo bloco semântico.

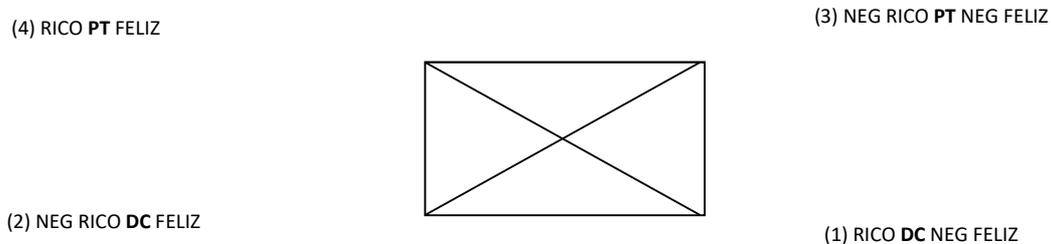
Na maioria das pesquisas brasileiras com a TBS, encontra-se a posição da TBS-standard, de acordo com Carel e Ducrot (2005). Desse modo, a representação visual do bloco semântico é feita por estes dois quadrados argumentativos:

Figura 1: Bloco semântico que relaciona **riqueza à felicidade**



Fonte: Quadrado argumentativo fundamentado em Carel e Ducrot (2005, p. 34).

Figura 2: Bloco semântico que relaciona **riqueza a não felicidade**



Fonte: Quadrado argumentativo fundamentado em Carel e Ducrot (2005, p. 34).

O que mudou na TBS-atual³ em relação a essa representação visual da TBS-standard é que os quatro aspectos do segundo quadrado argumentativo devem ser compreendidos como uma continuação semântico-argumentativa dos aspectos do primeiro quadrado. Assim, podem-se numerar os aspectos de 1 a 8, não mais havendo oposição entre os dois quadrados. Os oito aspectos fazem parte de um mesmo bloco semântico e estão inscritos, igualmente, em um mesmo campo semântico.

Os aspectos argumentativos mantêm, entre si, relações linguístico-discursivas diversas. Entre 1 e 2 e entre 3 e 4, há relação de *reciprocidade*; entre 1 e 4 e entre 2 e 3, há relação de *conversão*; entre 1 e 3 e entre 2 e 4, há relação de *transposição*. Tais relações não são “lógicas”, uma vez que não seguem os padrões da lógica formal e, sim, as regras próprias do funcionamento semântico-argumentativo das línguas naturais.

Os exemplos de doxal e de paradoxal, acima apresentados, permitem que também se perceba o paradoxal na linguagem ordinária, no chamado “senso comum”. Quando se escuta um enunciado que concretiza o aspecto (1) do segundo quadrado, algo como “*João é rico. Por isso é muito infeliz*”, ou um enunciado que materializa o aspecto (4) do mesmo quadrado, algo como “*João é rico, mas é feliz*”, pode-se dizer que aí estão inscritos muitos “ricos” da atualidade. Já existem pesquisas que concluem que muito dinheiro também pode ser razão de infelicidade. Ou seja, o paradoxo linguístico estabelecido na relação entre *riqueza e felicidade* não causa maiores estranhamentos. Os aspectos paradoxais, a

³ É importante salientar que a TBS-atual tem-se servido de uma representação arbórea para a explicitação dos aspectos e do quase-bloco (cf. GOMES, 2020). No entanto, também pela familiaridade dos brasileiros com os quadrados argumentativos, optou-se por mantê-los – com as devidas ressalvas – nesta pesquisa.

exemplo desses que relacionam *riqueza e felicidade*, estão sendo doxalizados? Essa é uma questão a ser respondida em pesquisas futuras.

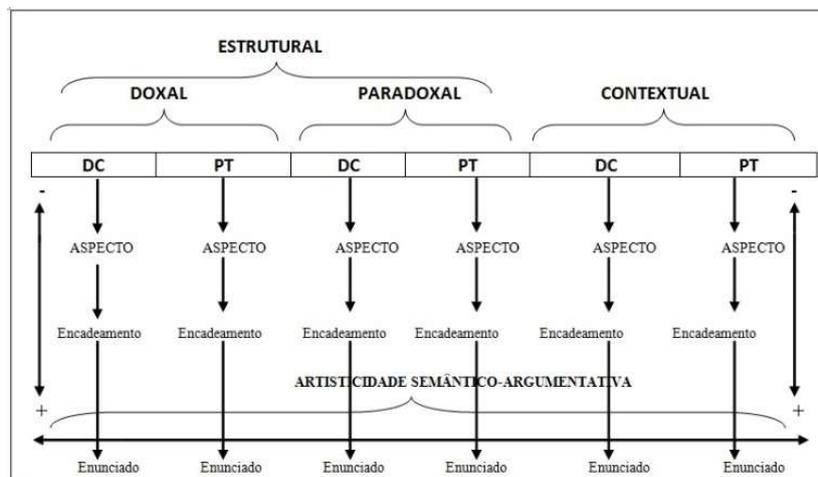
Encadeamentos contextuais e continuum semântico-argumentativo da linguagem

A TBS também sustenta que muitos enunciados comportam sentidos que podem ser descritos somente por encadeamentos argumentativos ditos “contextuais”, isto é, encadeamentos que não estão previstos na e pela estrutura semântico-argumentativa da língua. Tomem-se, para exemplificar, os encadeamentos (1) *Meu gato miou, portanto o disco parou* (MIAR DC PARAR AS MÁQUINAS), (2) *Pedro comeu um churrasco, portanto ficou feliz* (COMER CHURRASCO DC FICAR FELIZ) e (3) *Pedro é rico, portanto tem muitos amigos* (SER RICO DC TER AMIGOS). Os três encadeamentos são contextuais, porque não são previstos pelo sistema semântico-argumentativa da língua. O mundo delineado no contextual – conforme Gomes (2020) – é aquele do qual o artístico muito se beneficia. Trata-se de um mundo em que se pode reformular as funções das coisas, desordenando o que já está em ordem e o que já é reconhecido pelo sistema linguístico.

Os aspectos previstos nos oito ângulos dos quadrados doxal e paradoxal explicitados anteriormente fazem parte do sistematizável, ou seja, do estrutural. Diferentemente de vários enunciados do poema “Comportamento”, de Manoel de Barros, os enunciados concretizados pelos aspectos estruturais (doxais e paradoxais) não necessitam de maiores esforços interpretativos. O sentido de enunciados de discursos artísticos, por outro lado, exige a evocação de encadeamentos “decalados” para a sua descrição, visto que está distante do estrutural. Por isso, os encadeamentos e aspectos dos discursos artísticos tendem a ser contextuais e decalados.

Na busca de uma sistematização dos encadeamentos e aspectos, relativamente à sua natureza semântico-argumentativa, Gomes (2020) postulou a existência de um *continuum semântico-argumentativo na linguagem*, com o artístico em seu horizonte. De acordo com o autor, então, o estrutural (doxal e paradoxal) e o contextual estão sobre uma mesma linha, isto é, sobre um mesmo *continuum*, em que não existe uma linha divisória entre linguagem ordinária e linguagem literária, por exemplo. O uso da língua, em qualquer que seja sua forma de manifestação, concretiza aspectos normativa ou transgressivamente, conforme se pode verificar na fórmula:

Figura 3: Fórmula do *continuum* semântico-argumentativo da linguagem.



Fonte: Figura elaborada por Gomes (2020).

Importante ainda sublinhar, nas palavras de Gomes (2020, p. 203, grifos do autor), que “as setas verticais indicam que a *artisticidade semântico-argumentativa* aumenta do *aspecto* em direção ao *enunciado* e diminui do *enunciado* em direção ao *aspecto*”. Isso porque o enunciado é o lugar por excelência da expressão da arte com palavras. O encadeamento e o aspecto argumentativos – noções teóricas que o linguista usa para descrever e explicar a semântica linguística – tendem a desfazer as elaborações artísticas do locutor. A TBS e as demais teorias que compõem a Semântica Argumentativa sustentam a tese de que a língua abstrai características particulares e instaura categorias gerais, como se pode observar ao longo desta fundamentação teórica.

Análise e interpretação dos resultados

Para a execução desta pesquisa teórico-aplicada, escolheu-se como *corpus* o poema “Comportamento”, de Manoel de Barros, e a crônica “Bendita maldita”, de Martha Medeiros. O primeiro discurso deve-se tanto à sua sintagmática artística quanto – mais especificamente – ao interessante universo linguageiro nele produzido; já o segundo, pela presença notável do artístico na linguagem ordinária e pela singular maneira como o locutor sugere novas leituras da realidade, notadamente pelo ângulo de vista presente, em geral, no discurso artístico. Trata-se de examinar, aqui, à luz do arcabouço teórico-metodológico da TBS, todas essas percepções iniciais da leitura feita. Para isso, são evocados os encadeamentos argumentativos que parafraseiam o sentido de enunciados dos discursos e, a seguir, são associados seus respectivos aspectos argumentativos. Pretende-se observar a natureza doxal, paradoxal ou contextual dos encadeamentos e dos aspectos, bem como a incidência de decalagem sobre estes últimos. Por fim, também se vai construir o *continuum* semântico-argumentativo subjacente a cada um dos dois discursos escolhidos. Leiam-se as análises:

Comportamento

Não quero saber como as coisas se comportam.
 Quero inventar comportamento para as coisas.
 Li uma vez que a tarefa mais lídima da poesia é a
 de equivocar o sentido das palavras
 Não havendo nenhum descomportamento nisso
 senão que alguma experiência linguística.
 Noto que às vezes sou desvirtuado a pássaros, que
 sou desvirtuado em árvores, que sou desvirtuado
 para pedras.
 Mas que essa mudança de comportamento gentel
 para animal vegetal ou pedral
 É apenas um descomportamento semântico.
 Se eu digo que grota é uma palavra apropriada para
 ventar nas pedras,
 Apenas faço o desvio da finalidade da grota que
 não é a de ventar nas pedras.
 Se digo que os passarinhos faziam paisagens na
 minha infância,
 É apenas um desvio das tarefas dos passarinhos que
 não é a de fazer paisagens.
 Mas isso é apenas um descomportamento linguístico que

não ofende a natureza dos passarinhos nem das grotas.
Mudo apenas os verbos e às vezes nem mudo.
Mudo os substantivos e às vezes nem mudo.
Se digo ainda que é mais feliz quem descobre o que não
presta do que quem descobre ouro –
Penso que ainda assim não serei atingido pela bobagem.
Apenas eu não tenho polimentos de ancião.

Fonte: BARROS, Manoel. *Ensaaios fotográficos*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2000.

Esse poema de Manoel de Barros traz, muito claramente, um brilhante jogo semântico. No entanto, para além da sua magnitude estética, é analisado, aqui, com o propósito de contrastar os encadeamentos argumentativos de uma poesia com os encadeamentos de um discurso que manifesta uma linguagem dita mais “ordinária”. O objetivo último é explicar, à luz da TBS – na mesma linha do que explicara Gomes (2020) –, a hipótese da existência do artístico nos empregos ordinários da língua.

Começando com o primeiro encadeamento evocado: *se não importa como as coisas se comportam, então inventa comportamento para as coisas* (NEG SE IMPORTAR COM O COMPORTAMENTO REAL DC INVENTAR COMPORTAMENTO). Aqui, o locutor não está preocupado com entender ou descrever o mundo, ele enxerga a importância no inventar, no desvirtuar a significação linguística. Apesar de veicular um pensamento transgressivo, o encadeamento é normativo contextual. O sentido relacionado a comportamento semântico também se desenvolve no encadeamento seguinte: *Li uma vez que a tarefa mais lídima da poesia é a de equivocar o sentido das palavras* (SER POESIA DC DESVIRTUAR O SENTIDO). Aqui, o locutor também cria um encadeamento normativo contextual, uma vez que caracteriza a poesia de maneira bastante singular.

Dos versos “Noto que às vezes sou desvirtuado a pássaros, que/ sou desvirtuado em árvores, que sou desvirtuado/ para pedras./ Mas que essa mudança de comportamento gentel para animal vegetal ou pedral/ É apenas um descomportamento semântico”, é possível evocar um único encadeamento argumentativo, mesmo com a conjunção “mas” dando uma falsa impressão da existência de um segundo encadeamento. Nesses versos, a palavra-ferramenta “apenas” dispara o seguinte encadeamento: *mesmo desvirtuando o comportamento gentel para animal ou pedral, esse é apenas um descomportamento semântico* (NEG DESVIRTUAR COISAS PT DESVIRTUAR SUA SEMÂNTICA). Aqui, em relação aos encadeamentos anteriores, há praticamente a produção de um mesmo sentido, mas através de um encadeamento transgressivo ainda contextual, que especifica o que está sendo desvirtuado.

Na sequência do discurso, justificada pelo sentido descrito no encadeamento anterior, há uma série de encadeamentos que poderiam ser traduzidos pelo aspecto NEG DESVIRTUAR COISAS PT DESVIRTUAR SUA SEMÂNTICA, a saber: ¹*dizer que a palavra grotas é apropriada para ventar nas pedras, no entanto apenas fazer desvio na finalidade de grotas* e ²*dizer que passarinho faz paisagens, no entanto apenas fazer desvio das tarefas dos passarinhos*. Mantém-se, desse modo, a significação descrita pelo aspecto transgressivo contextual que materializa os versos anteriores.

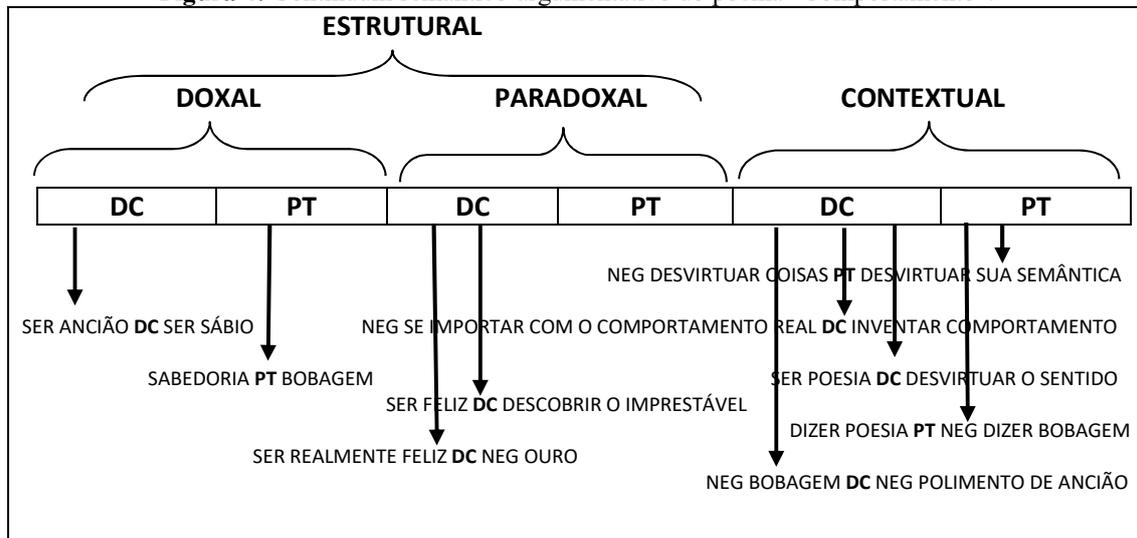
Um ponto que torna esse poema e o locutor criados por Manoel de Barros tão fascinantes envolve o sentido produzido de forma paradoxal. Embora Gomes (2020) já tenha mostrado baixa incidência de encadeamentos paradoxais até mesmo no discurso artístico, o poema de Barros surpreende. Ele traz esse tipo de encadeamento por meio de usos bastante singulares da língua. Logo, impõe a necessidade da decalagem para a compreensão do notável sentimento de falta de algo a ser interpretado no enunciado: “é

mais feliz quem descobre o que não presta do que quem descobre ouro” (SER FELIZ DC DESCOBRIR O IMPRESTÁVEL – aspecto paradoxal); (SER REALMENTE FELIZ DC NEG OURO – aspecto paradoxal). A felicidade está, segundo o poema, naquilo que não é previsto pelos encadeamentos doxais normativos. O mais interessante é que ela também não cabe no transgressivo doxal. O único aspecto que pode expressar a significação de “felicidade” descrita pela comparação do verso é o paradoxal.

Os versos finais representam muito bem a necessidade de uso de decalagem em discursos artísticos: “Se digo ainda que é mais feliz quem descobre o que não/ presta do que quem descobre ouro –/ Penso que ainda assim não serei atingido pela bobagem. / Apenas eu não tenho polimentos de ancião”. São vários encadeamentos internos, em que o primeiro é transgressivo contextual: *dizer que descobrir o que não presta traz felicidade, no entanto não ser atingido pela bobagem* (DIZER POESIA PT NEG DIZER BOBAGEM); o segundo é normativo contextual: *não ser atingido pela bobagem, portanto não tem polimento de ancião* (NEG BOBAGEM DC NEG POLIMENTO DE ANCIÃO). Tais encadeamentos pressupõem, via interpretação, o sentido descrito pelos seguintes encadeamentos: *é ancião, portanto é sábio* (SER ANCIÃO DC SER SÁBIO – normativo doxal), mas sabedoria é bobagem (SABEDORIA PT BOBAGEM – transgressivo doxal). Então, se alguém é ancião, é sábio e não fala poesia; mas a sabedoria que o polimento de ancião permite é bobagem. Por isso, o locutor não tem polimentos de ancião e também não é atingido pela bobagem.

Feita a descrição e a explicação semântico-argumentativa do poema, pode-se ainda observar o *continuum* que organiza e permite sua realização material:

Figura 4: Continuum semântico-argumentativo do poema “Comportamento”.



Fonte: Figura elaborada pelos autores (2023).

Nota-se, no *continuum*, a maneira como os sentidos argumentativos do poema se manifestam. A concretização de enunciados a partir de *cinco aspectos contextuais* (três normativos e dois transgressivos) e de *dois aspectos paradoxais* normativos elucidam bem a inscrição artística do locutor no poema. Os únicos dois aspectos doxais aí representados estão subentendidos no discurso e só podem ser acessados via interpretação. Portanto, não são contabilizados nesta interpretação dos resultados.

Passa-se, agora, à análise da crônica de Martha Medeiros:



Bendita maldita

Assisti ao documentário sobre Cássia Eller e, ao terminar, pensei: tanta gente iria gostar, iria entender – ou não iria entender, mas ficaria mexido... É o que estou fazendo aqui. Convidando.

O filme segue a cronologia do nascimento à morte, cobrindo a infância, as primeiras apresentações, as relações amorosas, a maternidade e, por fim, o sucesso. Mas é muito mais do que um simples registro biográfico, e o interesse que desperta não se restringe aos fãs. É uma aula sobre diversidade.

Cássia era tímida. Cássia era vulcânica. Cássia era um doce. Cássia era o demo. Cássia era recatada. Cássia era despuadorada. Cássia era roqueira. Cássia era sambista. Cássia era macho. Cássia era fêmea.

Para muitos, o parágrafo acima traz inverdades. Cássia era avaliada pelo senso comum apenas pelo seu lado B, e foi enquadrando-a desse jeito, como uma Janis Joplin tupiniquim, que muitos a digeriram. Cantora talentosa e porra-louca: pronto, está carimbada. Pode colocar na estante dos estereótipos.

Só que não. Todas as afirmações acima estão corretas, e essa multiplicidade de facetas deixa o povo inquieto. As pessoas costumam querer saber direitinho com quem estão lidando, e esse "direitinho" implica um perfil exato e coerente. Se não for assim, a maioria desiste e se afasta. Paradoxos dão trabalho.

Cássia Eller, além de encantar através da sua arte, confirmou que as pessoas não precisam ser malucas ou caretas, boazinhas ou endiabradas, isso ou aquilo. A conjunção alternativa – ou – exige um posicionamento, mas o fato de termos um caráter preponderante não aniquila a segunda hipótese. Mais vale enxergar o mundo através da conjunção coordenativa: e. Somos malucos e caretas, bonzinhos e endiabrados.

Cássia administrava, a seu modo, todas as mulheres e homens que nela existiam. Todas as sonoridades. Todas as reações. Ficava travada diante de um estranho, mas era uma leoa em cima de um palco. Ia de coturno para os bares, mas usava vestido floreado quando grávida. Tinha tudo dentro dela e esse tudo transbordava conforme a demanda do momento, e se isso confunde, azar do confundido. É vida sendo vivida às ganhas.

No final, o documentário traz uma rápida, mas necessária reflexão sobre como a imprensa foi apressada e leviana ao noticiar a morte da cantora. E, com mais destaque, mostra como foi a disputa pela guarda de Francisco Eller, com oito anos na época. Numa decisão precursora, o garoto ficou com a companheira de Cássia, com quem ele vive até hoje. Chico, como é conhecido, está lançando seu primeiro CD e, aos 21 anos, é retraído como a mãe, ao menos para entrevistas. Quando alguém pergunta sobre sua história, em vez de responder, ele pega o violão e avisa: "A música é outro jeito de contar".

É sobre isso o documentário. Todos nós temos mil maneiras de nos contar.

Esta crônica de Martha Medeiros encontra-se publicada no Jornal Zero Hora de 26 de ago. 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2015/08/martha-medeiros-bendita-maldita-4833250.html> Acesso em 03 jun. 2023.

Chega-se, aqui, a um ponto nuclear deste artigo: note-se que a partir da natureza paradoxal de Cássia Eller, o locutor propõe enxergar o funcionamento do mundo “na e pela linguagem”, para usar os termos de Émile Benveniste. O primeiro encadeamento que pode ser evocado decorre do sentido do título *Bendita maldita*, o qual está subordinado ao sentido global do discurso, a saber: *ser bendita, portanto também ser maldita* (BENDITA DC MALDITA – aspecto paradoxal normativo). Esse encadeamento revela a adição de “isso e aquilo” e não a alternância de “isso ou aquilo”, em cuja coordenação aditiva os sentidos da crônica estão essencialmente organizados.

A propósito do documentário de Cássia, os próximos encadeamentos evocados são: *tanta gente gostará e entenderá, portanto ficará mexida* (ENTENDER DC MEXER – aspecto doxal normativo) e *tanta gente não entenderá, no entanto ficará mexida* (NEG ENTENDER PT MEXER – aspecto doxal transgressivo). O locutor segue caracterizando

o documentário: *apesar de ser um documentário biográfico, é uma aula sobre diversidade* (SER BIOGRÁFICO PT ENSINAR DIVERSIDADE – aspecto doxal transgressivo).

Na sequência, o locutor produz uma série de encadeamentos paradoxais normativos, revelando uma sofisticada compreensão da realidade: *Cássia era tímida, portanto era vulcânica* (TÍMIDA DC VULCÂNCIA); *Cássia era um doce, portanto era o demo* (DOCE DC DEMO); *Cássia era recatada, portanto era despudorada* (RECATADA DC NEG PUDOR); *Cássia era roqueira, portanto era sambista* (ROQUEIRA DC SAMBISTA); *Cássia era macho, portanto era fêmea* (MACHO DC FÊMEA). A partir desses encadeamentos paradoxais, percebe-se que a compreensão verdadeira da realidade está, também, no paradoxo. Em geral, compreende-se a realidade pelos quatro ângulos estabelecidos no quadrado doxal, porque é muito mais fácil entender ISSO PT AQUILO do que ISSO DC AQUILO. Além de resumir os aspectos passados, esse é núcleo semântico introduzido pelo locutor no discurso. Com ele, lembra-se que pessoas são paradoxais, por mais que tentem se encaixar – usando palavras da TBS – no quadrado doxal.

Continuando a explicação do parágrafo anterior, evoca-se o encadeamento *Cássia era avaliada pelo senso comum, portanto era preciso enquadrá-la na estante dos estereótipos* (COMPREENDER COM SENSO COMUM DC NEG COMPREENDER PARADOXO – aspecto doxal normativo). O encadeamento seguinte desenvolve o anterior: *Só que não; no entanto todas as afirmações anteriores estão corretas* (ERRADO AO SENSO COMUM PT CORRETO – aspecto doxal transgressivo). Todo o trecho seguinte materializa uma significação que pode ser descrita por um aspecto contextual transgressivo, conforme se pode conferir: “As pessoas costumam querer saber direitinho com quem estão lidando, e esse ‘direitinho’ implica um perfil exato e coerente. Se não for assim, a maioria desiste e se afasta. Paradoxos dão trabalho” (SER PARADOXAL DC NEG ENTENDIMENTO ALHEIO – contextual normativo). Compreender segundo a previsibilidade da doxa não significa compreender por completo a realidade criada pela língua. Não olhar a realidade com a totalidade que a língua permite é uma forma de incompreensão, é não se permitir enxergar a magnitude da linguagem. Essa limitação também interdita uma leitura do mundo que somente a língua é capaz de dar acesso.

O locutor segue pelo mesmo ponto de vista: “as pessoas não precisam ser malucas ou caretas, boazinhas ou endiabradas, isso ou aquilo” (MALUCAS PT CARETAS); (BOAZINHAS PT ENDIABRADAS); (ISSO PT AQUILO); “ou” tendo, aqui, o valor semântico de “mas”. Encaixa-se, pois, no quadrado doxal. E o locutor assim continua: “A conjunção alternativa – ou – exige um posicionamento, mas o fato de termos um caráter preponderante não aniquila a segunda hipótese”, de cujo excerto pode-se evocar o encadeamento: *termos um caráter preponderante, portanto não aniquilar a segunda hipótese* (TER UMA AFIRMAÇÃO PT NEG ANIQUILAR SEGUNDA HIPÓTESE – aspecto contextual transgressivo). No mesmo parágrafo, pode-se ler: “Mais vale enxergar o mundo através da conjunção coordenativa: e. Somos malucos e caretas, bonzinhos e endiabrados” (MALUCOS DC CARETAS); (BONZINHOS DC ENDIABRADOS); (ISSO DC AQUILO). O locutor convida o alocutário a entender o mundo através do aspecto paradoxal, já que, segundo ele, é o que mais compreende a realidade.

A seguir, há uma certa descontinuidade semântico-argumentativa: *Ficava travada diante de um estranho, no entanto era uma leoa em cima de um palco* (TRAVAVA PT ERA UMA LEOA); *Ia de coturno para os bares, no entanto usava vestido floreado quando grávida* (USAVA COTURNO PT USAVA VESTIDO FLOREADO); *Tinha tudo dentro dela, no entanto esse tudo transbordava conforme a demanda do momento* (GUARDAVA TUDO PT TRANSBORDAVA TUDO). A descontinuidade existe

É notável, aqui, o modo como o locutor inscreveu seus pontos de vista no discurso. Ele desenvolveu a estrutura semântico-argumentativa da língua de forma predominantemente doxal e paradoxal. Dos vinte e três aspectos descritos (23), vinte e um (21) são estruturais, sendo que dois (8,69%) são doxais normativos; dez (43,47%) são doxais transgressivos e nove (39,14%) são paradoxais normativos. Apenas dois aspectos foram classificados como contextuais, em que um (4,35%) é normativo e outro aspecto (4,35%) é transgressivo.

Muito embora a pesquisa aqui realizada seja qualitativa, todos esses dados também permitem tirar conclusões a respeito da construção semântico-argumentativa deste discurso. Da rara existência de encadeamentos paradoxais no uso da língua, chegou-se, aqui, a um número de nove paradoxos – fato que confirma tanto a percepção inicial sobre a natureza artística do discurso quanto a coerência do locutor em relação à tese de que “mais vale enxergar o mundo pela conjunção ‘e’”, isto é – em muitos casos –, pela ótica dos encadeamentos e aspectos argumentativos paradoxais.

Considerações finais

Conforme foi possível observar ao longo desta investigação, o paradoxo não nega o princípio veiculado pela doxa: ele o aceita e o subverte em uma espécie de prolongamento semântico-argumentativo. Talvez seja exatamente devido a esse “prolongamento” já atestado por Carel (2013) que os discursos artísticos – a exemplo do poema “Comportamento” e da crônica “Bendita maldita” – não contêm sua significação e seu sentido enclausurados na doxa, seja no domínio normativo, seja no transgressivo. No universo criado no discurso artístico, a língua precisa ir além da previsibilidade de seus empregos nos discursos do dia a dia.

Graças a esta pesquisa, pôde-se verificar que, enquanto no poema de Manoel de Barros houve o predomínio de aspectos contextuais – sem deixar de contar a presença de aspectos doxais e paradoxais –, na crônica de Martha Medeiros houve absoluto predomínio de aspectos doxais e paradoxais. As duas principais conclusões extraídas de tais singularidades são: (a) a frequente produção de encadeamentos contextuais no discurso poético e (b) a necessidade de produção de encadeamentos paradoxais na linguagem, para que haja maior entendimento do ser humano. Em linhas gerais, um dos principais ensinamentos da análise da crônica é que não se pode restringir o humano à combinatória doxal (normativa ou transgressiva) prevista pela língua. Para que efetivamente sejam compreendidos os paradoxos do homem, é preciso que o mundo também seja olhado pela ótica prevista na combinatória paradoxal (normativa ou transgressiva) e na contextual (normativa ou transgressiva). Entretanto, mais do que esforço cognitivo, esse é um exercício de empatia e de autoconhecimento.

Espera-se, em trabalhos futuros, ampliar estas análises para *corpora* de discursos de outros gêneros, a fim de que se possa generalizar, com mais segurança, as conclusões aqui explicitadas – principalmente aquelas em torno do paradoxo e de seu potencial para uma compreensão mais genuína do homem e da sociedade em que está inserido.

REFERÊNCIAS

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. **L'argumentation dans la langue**. Bruxelles: Mardaga, 1983.

BARTHES, Roland. **Leçon**. Leçon inaugurale de la chaire de sémiologie littéraire du Collège de France, prononcée le 7 janvier 1977. Paris: Éditions du Seuil, 2015 [1978].

CAREL, Marion. Um prolongamento da doxa: o paradoxo. **Desenredo**, Passo Fundo, Ed. da Universidade de Passo Fundo, v. 9, n. 2, p. 254-270, jul./dez. 2013.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa**: uma introducción a la teoría de los bloques semánticos. Edición: María Marta Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

DUCROT, Oswald. **Polifonía y Argumentación**. Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1990.

DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. Tradução: Leci B. Barbisan. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, mar. 2009.

DUCROT, Oswald. Présentation de la Théorie des Blocs Sémantiques. **Verbum**, Publié par les Presses Universitaires de Nancy, XXXVIII, n° 1-2, 53-65, 2016.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

GOMES, Lauro. **Discurso artístico e argumentação**. Prefácio de Marion Carel. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

Recebido em: abril de 2023.
Aprovado em: junho de 2023.

Como citar este trabalho:

GOMES, L; TURBA, V. O sentido artístico no discurso e a evocação de encadeamentos argumentativos. **Traços de Linguagem**, v. 8, n. 1, 41-54, 2024.
